



"O QUE LHE FAZ SE SENTIR EM CASA, ESTANDO LONGE DE CASA?" ANÁLISE DISCURSIVA DE NARRATIVAS DE VIDA DE REFUGIADOS SÍRIOS

Maíra Ferreira Sant'Ana¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais/Departamento de Letras da UFMG/
mairafsantana@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo analisa, à luz da Análise do Discurso, duas narrativas de vida de refugiados sírios, as quais foram coletadas na exposição imersiva “Em casa, no Brasil”, por meio de áudios, e foram, posteriormente, transcritas. Por meio da análise, percebemos que apesar dos sírios terem deixado o seu país devido à guerra, ao contar sobre sua vida, eles revelam apenas aspectos positivos desse país. No Brasil, buscam manter alguns hábitos, mas não pretendem voltar a viver na Síria.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Narrativas de vida, Refugiados, Sírios.

1. Introdução

Os números de deslocamento no mundo são os maiores já registrados. De acordo com o relatório “*Global Trends: forced displacement in 2019*” (ACNUR, 2020), no final do ano de 2019, havia cerca de 79,5 milhões de deslocados forçados no mundo. Conforme o relatório em pauta, se levarmos em consideração apenas os refugiados sob mandato do ACNUR e os venezuelanos deslocados no exterior, cerca de 68% são provenientes de apenas cinco países: República Árabe

¹Tendências Globais – Deslocamento Forçado em 2019 (tradução). Divulgado pelo ACNUR no mês de junho de 2020, durante a celebração do dia mundial do refugiado. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/5ee200e37.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2021.



da Síria (6,6 milhões), Venezuela (3,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões), Sudão do Sul (2,2 milhões) e Myanmar (1,1 milhão).

Desde 2014, a maioria dos refugiados tem origem síria e o equivalente a 83% permanece em países vizinhos ou na região. Os sírios têm migrado, sobretudo, devido à guerra que eclodiu na Síria em 2011 e perdura até os dias atuais.

O SESC (Serviço Social do Comércio) de São Paulo e a ONG (Organização Não-Governamental) “Estou Refugiado”, em comemoração ao “Dia Mundial do Refugiado”, celebrado em 20 de junho, correalizaram, em 2019, no Rio de Janeiro, uma exposição imersiva intitulada “Em casa, no Brasil”². Nesta exposição, o público teve a oportunidade de visitar uma unidade habitacional para campos de refugiados e acessar áudios com a narrativa de vida de 13 (treze) refugiados que estão no Brasil, provenientes de 9 (nove) países distintos – Afeganistão, Colômbia, Cuba, Irã, Moçambique, Nigéria, República Democrática do Congo, Síria e Venezuela –, as quais foram obtidas por meio da pergunta: “O que lhe faz se sentir em casa, estando longe de casa?”

Destarte, diante do considerável fluxo migratório sírio, nosso interesse, no presente artigo, é analisar as narrativas de vida (BERTAUX, 2005; MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2015, 2016) de dois refugiados sírios, coletadas na referida exposição, a partir de uma transcrição livre dos áudios. Para auxiliar-nos na análise dessas narrativas, utilizaremos alguns planos da semântica global (Maingueneau, 2005).

² Em casa no Brasil: Experiência auditiva em realidade virtual “Em casa, no Brasil”. **ACNUR**, 2019. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/em-casa-no-brasil/>>. Acesso em: 15 abr. 2021.



2. Referencial teórico

O relato de vida (*récit de vie*), metodologia de pesquisa que se originou nas Ciências Sociais, foi introduzido na França pelo sociólogo Daniel Bertaux, em meados de 1976. Conforme Bertaux (2005), o relato de vida, na perspectiva sociológica, é uma metodologia de pesquisa através da qual um indivíduo conta para outrem, de forma subjetiva, um episódio de sua vida.

A narrativa de vida resulta da tradução, proposta por Machado (2016), do sintagma *récit de vie*, utilizado por Bertaux. Geralmente ocorre, conforme Machado (2015), quando um entrevistador solicita a um indivíduo que lhe conte sua vida ou parte dela, ou exponha seus sentimentos acerca de um determinado assunto que ele tenha vivido. Trata-se, para Machado & Lessa (2013), de um gênero de discurso no qual um indivíduo conta a outro parte de sua vida e, nesta atividade de “se contar”, ele reorganiza suas lembranças e reinterpreta sua história. Desse modo, a narrativa de vida está ligada ao exercício da memória de quem a concebe (MACHADO, 2016).

Tendo em vista que o indivíduo é um ser social, a narrativa de vida que ele elabora permite que se façam reflexões, considerações e ponderações também acerca do coletivo e do contexto social, não se restringindo apenas a experiências individuais.

Para nos auxiliar no exame dos textos, conforme já pontuado, recorreremos à semântica global de Maingueneau (2005), o qual propõe como planos: i) a intertextualidade, ii) o vocabulário, iii) os temas, iv) o estatuto do enunciador e do destinatário, v) a dêixis enunciativa, vi) o modo de enunciação e vii) o modo de coesão. Em função do *corpus* e da limitação de extensão da pesquisa em pauta, optaremos por utilizar alguns planos e não outros na construção de nosso dispositivo individualizado de análise (ORLANDI, 1999).



3. Análise

Com relação ao plano dos “temas”, notamos que ambos os enunciadores, tanto Mohammed quanto Ghazal, abordam o tema “Síria” resgatando em suas memórias lembranças de um período anterior à guerra, no qual eles descrevem positivamente a capital Damasco: “Eu morava *em* Damasco, capital da Síria, num bairro chamado Paranque, bairro muito *legal*, muito *lindo*” (Mohammed Alsaheb); “Na Síria eu morava *em* Damasco. Damasco é uma da cidade *bonita*, *tranquila*” (Ghazal Baranbo). No âmbito do plano do “vocabulário”, é interessante observarmos o emprego dos adjetivos “legal” e “lindo”, “bonita” e “tranquila” para caracterizar, respectivamente, o bairro e a cidade onde os migrantes viviam, os quais evocam significados completamente opostos ao atual contexto de guerra enfrentado no país.

Ademais, ao tematizar a “Síria”, os enunciadores relatam momentos vivenciados em família, revelando um saudosismo, como pode ser percebido no seguinte excerto:

Na Síria, *em* Damasco, eu morava num apartamento, na verdade, *na* casa da minha família. Eu morei com *minha* mãe, minha irmã, nossa família é pequena. (...) São muitas histórias, sabe? Muitas histórias, eu tenho muitas histórias nesse lugar, porque esse lugar toca como que fiz na minha vida. Com certeza eu *tenho* saudade da minha casa (Mohammed Alsaheb).

No que tange ao tema “Motivação para a migração”, ambos os migrantes apontam a guerra como fator determinante: “Em 2011 quando *começou* a guerra na Síria, eu não consegui ficar mais lá, *ficou* muito perigoso (...)” (Mohammed Alsaheb); “Eu cheguei aqui no Brasil por causa da guerra” (Ghazal Baranbo).

Outro tema abordado pelos enunciadores é a “Vida no Brasil”. Mohammed e Ghazal, até mesmo devido à maneira como a pergunta da entrevista foi formulada – “O que lhe faz se sentir em casa, estando longe de casa?” – revelam



uma tentativa de manter uma proximidade com a vida que eles tinham na Síria, como podemos ver em: “Eu olho para minha casa aqui e eu sinto o mesmo *que em* minha casa na Síria, não quero *me mudar* (risos). Mesma janela, mesma vista, mesmo tudo quase (risos)” (Mohammed Alsaheb). Ghazal, por sua vez, relata que durante os dois primeiros anos no Brasil trabalhava muito. Contudo, atualmente, sua vida está mais tranquila, ela pode ficar com seus filhos, de forma mais similar à sua vida na Síria.

Por fim, os migrantes abordam o tema “sonho”, no sentido de planejamento futuro do migrante. Enquanto o de Mohammed está atrelado ao âmbito do trabalho, tendo em vista que ele declara que deseja fazer um Centro Cultural árabe em São Paulo, o de Ghazal está relacionado à família, pois ela revela que sonha que seus filhos cresçam no Brasil, com uma vida boa e com saúde. Além disso, ela almeja visitar a Síria durante um mês para ver sua família e depois retornar ao Brasil, pois, conforme aponta, sua vida é nesse país.

Concernente ao plano da “dêixis enunciativa”, Maingueneau (2005) a estabelece em sua dupla modalidade, espaciotemporal. Porém, falamos de uma dêixis espaço-temporal-pessoal, ampliando a proposta do autor. Em linhas gerais, com relação à categoria de espaço, vemos que os enunciadores projetam um aqui x lá, referente a um Brasil x Síria, o qual se correlaciona com um tempo presente x passado. A pessoa predominante é a primeira do singular, “eu”, que (se) conta ao outro.

4. Considerações Finais

Podemos dizer que a exposição imersiva “Em casa, no Brasil” possibilitou ao público conhecer um pouco mais da realidade dos refugiados que chegam ao Brasil, tanto pelo fato de oportunizar a visita a uma unidade habitacional para





campos de refugiados quanto por possibilitar o acesso às narrativas de vida desses sujeitos. Como notamos, tal gênero genealógico nos permite acessar informações que não são comumente divulgadas em textos midiáticos ou oficiais.

Por meio das narrativas de vida dos sírios, percebemos que apesar deles terem deixado o seu país devido à guerra, ao contar sobre sua vida, eles revelam aspectos positivos de seu país, demonstrando saudade da família. Estando no Brasil, buscam manter alguns hábitos que vivenciavam no passado, mas não pretendem voltar a viver na Síria. Eles realmente demonstram “se sentir em casa, estando longe de casa”.

Referências

BERTAUX, D. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 2005.

MACHADO, I. L. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. MACHADO, I.L.; MELO, M.S.S. (Org.) **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. p.121 – 138.

_____. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 95-108, 2015. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557/25814>. Acesso: 12 de junho de 2019.

MACHADO, I. L.; LESSA, C. H. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, S. N.; SILVA, S. M. R. da (Orgs.). **O discurso & outras materialidades**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.v.1, p. 102-122.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2005. p. 75-97.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP; Pontes, 1999.

